

Da Noite dos Tempos aos Mitos Virtuais

ANIMA – Conceitos - Processos de Criação/ Encenação - Roteiro

ANIMA - Conceitos

Falar dos espetáculos do Totem não é uma tarefa fácil, pois são constituídos de muitas colagens, de performances simultâneas, muitos detalhes, e principalmente da energia que seus trabalhos contêm. Seu processo de criação e montagem segue uma estrutura muito própria, que se formalizam em encenações. Desde os primeiros encontros às amarrações finais, os trabalhos vão sendo gerados, pouco a pouco, que mesmo tendo marcações, são bem maleáveis, com espaço para improvisações, dilatações, até o momento da primeira apresentação para o público. E mesmo após a primeira apresentação, continua aberto para: a maleabilidade, os desdobramentos, as improvisações, os diálogos entre as diversas partes que compõe o todo. Num processo que nunca se esgota, caracterizando o espetáculo mutante.

Anima, fala da sensibilidade feminina que inspirou e inspira todos os xamãs mestres espirituais no caminho do sagrado. Fala do princípio feminino que habitou e habita em todos nós. Entramos no terceiro milênio com a humanidade guiada por princípios masculinos que ignoram, há séculos, o poder criador feminino.

O Totem, com o espetáculo Anima, propôs uma visita ao feminino, performatizando de forma ritualizada, a Deusa, visitando os símbolos sagrados do eterno feminino: a Lua, a Serpente, a Concha, a Gruta, o Mar, ente outros. A receptividade, a fecundação da vida. A mulher, responsável pela agricultura e pela medicina. São também símbolos femininos: uma rocha; uma caverna; uma árvore; uma fonte; um poço profundo; flores em forma de vaso como a rosa, o lótus, a tulipa; o círculo mágico ou mandala; painéis; caldeirões; formas ligadas ao útero.

Nos tempos mais remotos, a mulher, foi comparada à mãe terra, aquela que dava a vida e recolhia de volta. Segundo Jung, as imagens utilizadas nas religiões, são projeções do arquétipo. Ela varia de cultura para cultura na forma de mitos, cultuados através dos ritos.

No espetáculo, num determinado momento, houve uma transposição para a contemporaneidade através da música, da gestualidade, da cenografia, da indumentária

e do texto. O que o Totem tentou demonstrar foi que a Grande Mãe está em nós, como sempre esteve, e que a fantasia e o fascínio do homem em relação à mulher sobrevivem.

A parte conceitual do trabalho apoiou-se nas seguintes idéias:

1 - A primeira divindade conhecida, a Terra Mãe, a Deusa Mãe, a mais antiga manifestação do imaginário universal. A Deusa e suas diversas faces, os arquétipos e mitos femininos.

2 - A anima, do ponto de vista junguiano, a contraparte sexual do homem, aquilo que inspira o homem a seguir seus desejos. A projeção que o homem faz da mulher, a personificação do desejo erótico masculino.

3 - A força da mulher, o fascínio, o poder, o efeito que a mulher causa no homem. Tomando a mitologia como exemplo, é a musa que inspira a luta heróica. Como também, a mulher nova, independente.

Para Jung são arquétipos da mãe: a Deusa, a mãe de Deus, a Virgem, Sofia. Na mitologia: mãe e menina – Demeter; mãe e amante – Cybelle, Átis. Outras mitologias que serviram de inspiração para o trabalho foram: Hecata, a lunar; Ártemis, a sacerdotisa cretense; Olímpia, sacerdotisa da Samotrácia, prostituta sagrada; as Bacantes, perseguidas e mortas no império romano; Istar: Osíres; Demeter; Vênus; Afrodite; Iemanjá, entre outras. O mito da Grande Mãe se faz presente em grande número de culturas. Ritos de fertilidade, ritos de sepultamento (índios do Brasil), o retorno ao ventre da Terra Mãe.

A Encenação

O espetáculo foi pensado como um ritual à Grande Mãe, com danças circulares, solos de dança contemporânea. Pensado para ser apresentado em espaços alternativos e não em palco italiano, com o público próximo, a fim de ser seduzido para participar do rito. O roteiro foi montado a partir de uma pesquisa de textos, feita por todos os componentes do grupo, de variados autores e autoras, como: Pablo Neruda, Allen Ginsberg, Mário Quintana, Hilda Hilst, Raul e Kika Seixas, John Donne, Leila Micolis, Marilena Chauí, Raquel Guitiérrez, Cora coralina, Leila Diniz. A Antropologia foi decisiva para a fundamentação do trabalho, a partir das pesquisas antropológicas dos mitos ligados ao

feminino. A busca das personas, por parte dos atores e atrizes/performers foi subsidiada pelo viés do inconsciente coletivo, sua própria mitologia pessoal, e seu próprio eu.

A criação desse espetáculo foi mais uma filha da obsessão. Anima foi um dos espetáculos do Totem mais “amarrados”, em termos de encenação, considerado pelo próprio grupo como o mais convencional já montado pelo Totem.

Anima foi um desdobramento do espetáculo “Mulheres”, de 1993. Em “Mulheres” os Textos Móveis, fragmentos de textos, foram recolhidos de poemas de diversos autores homens. No espetáculo “Mulheres”, esses textos, eram performatizados exclusivamente pelos atores/performers referindo-se às mulheres/sacerdotizas/deusas.

Em Anima foram incluídos poemas de autores mulheres, esses Textos Móveis passaram a ser performatizados pelas atrizes/performers, no segundo momento do espetáculo – a contemporaneidade, era a fala da mulher, seu pensamento, seu ponto de vista. Mais os Textos Móveis, poemas de homens, que foram performatizados pelos atores/performers, dirigidos às mulheres/sacerdotisas/deusas.

Em Anima as sacerdotisas atravessam o tempo, no primeiro momento do espetáculo elas não falam, só escutam, e desenvolvem suas performances através de coreografias, gestos e de movimentos. A passagem do tempo é marcada pela mudança do vestuário, pois, na primeira parte do espetáculo elas vestem longos vestidos, trazem os rostos cobertos por véus. Cada uma está ligada a uma cor, que por sua vez estão ligadas aos arquétipos das deusas, diversos mitos de culturas diferentes, cada cor funcionava como um símbolo/síntese, todas trazem um elemento simbólico correspondente a um culto ou rito. Durante o decorrer do espetáculo há uma intensa interação das performers com o público, através de contatos físicos, e da manipulação de elementos simbólicos como: adaga, perfumes, água. Num constante convite ao rito. No segundo momento, as atrizes/performers trocam de roupa em cena, substituindo o figurino inicial, que remetiam ao passado, por um figurino contemporâneo, todas as cores foram substituídas pelo preto, sem que se desvinculassem, internamente, das divindades que estavam performatizando. Também passam a performatizar os textos de mulheres, acompanhados de uma postura corporal contemporânea, a partir de uma gestualidade que refletia a mulher atual.

Anima - Roteiro

Música - Tema de abertura

O espaço cênico é de semi-arena. No chão, formando uma mandala, estão desenhados: um círculo, um triângulo, um quadrado e um pentagrama, que será utilizada durante toda a encenação. Seis alguidás são colocados no chão seguindo a linha do círculo traçado no espaço cênico, todos contendo água e essência de ervas, ao seu lado flores e outros objetos que remetem aos mitos.

Entram duas “sacerdotisas aprendizes” (ninfas) e preparam o ambiente, purificando-o com incensos e perfumes; retiram-se.

Entram três “homens”, usando máscaras, na cor da pele, neutralizando as faces, estão nus da cintura para cima, usam calças muito larga (lembrando roupa de samurai) em tecido de malha fina na cor cinza. Caminham em passos lentos, trazendo grandes tochas, em direção ao centro da mandala e executam um movimento coreográfico sincronizado. Após a coreografia dirigem-se aos vértices do triângulo e fixa suas tochas, voltam ao centro da mandala, dando continuidade ao rito, pintam seus rostos de prateado, fazendo uma ligação com a lua, voltam aos vértices.

Homens em coro dizem o 1º texto – *“No começo não havia reis, apenas rainhas filhas das deusas, que tomavam consorte onde queriam. Para o crescimento dos grãos”.*

Entram seis sacerdotisas em procissão, rostos cobertos por véus, com longos vestidos nas cores: verde, branco, azul, amarelo, vermelho, e preto, vão até o centro, circulam pelo centro da mandala e se deslocam até os alguidás, tiram os véus e executam um ritual de limpeza, lavam os rostos e os seios.

Homens em coro dizem o 2º texto *“A grande mãe, a terra mãe...vegetal, mulher, deusa. A que cospe entranha a fora
A mater, magna e recolhe como
esposa...simbiótica...fazendo a vida uma só mulher e
todas fonte da criação”.*

As sacerdotisas terminam o ritual, colocam os véus e voltam-se para o centro da mandala. Congelam.

Homens deslocam-se no espaço e se encontram num determinado ponto.

O coro fala – *“O primeiro urro foi feminino”.*

Três sacerdotisas ficam no centro da mandala manipulando objetos e as outras três vão até os “homens”, contracenam, gestos de sedução por parte das mulheres e de entrega por parte dos homens.

Texto do homem 1 - *“A grande mãe, a terra mãe...”*. Depois da fala, eles evoluem seguindo a mandala.

Texto do homem 2 - *“Istar, Demeter, Ceres... A vegetação, a fertilidade, a colheita. Afrodite, Freya, Lilith, Vênus... Amor e beleza, formosura, prazer. Andrômeda, Hecata ...A Lua. Diana, Epona... A caça, o cavalo. Iemanjá, Inaê. Deusas mulheres”*.

Continuam seguindo a mandala, interação com as sacerdotisas.

Texto do homem 3 - *“Aquele que dormirá todas as luas, A desejada da alma... Aquele que dará o amor do coração. E dará o amor da carne”*.

Continuam seguindo a mandala.

A cada giro na mandala, os “homens” passam a contracenar com outra sacerdotisa.

As sacerdotisas trocam de posições, cumprimentam-se, as do centro da mandala com as que estavam contracenando com os “homens”.

Segue texto: Homem 1 - *E depois da separação das águas... (segue mandala)*

Homem 2 - *E depois da fecundação da terra (segue mandala)*

Homem 3 - *E depois da gênese dos peixes, das aves e dos animais da terra, melhor fora que o senhor das esferas tivesse descansado...*

Homens em coro - *“Só a mulher e sua concha!”*. (segue mandala).

Enquanto eles dizem o texto as sacerdotisas reúnem-se no centro e saem da cena para retornar em cortejo.

Entra o cortejo das sacerdotisas, conduzindo a sacerdotisa mor, “a Lua”, dirigem-se ao centro da mandala.

Os homens empunhando lanternas iluminam o cortejo.

Música - tema livre

Sacerdotisas distribuem velas para a platéia, sacerdotisas paramentam a “Lua”, que está nua da cintura para cima toda prateada, cada uma coloca um de seus objetos/adereços simbólicos, a cobrem com um véu. A “Lua” permanece no centro da mandala na posição de lótus. Sacerdotisas formam uma mandala e iniciam um ritual, manipulam elementos naturais ligados a sua persona junto com alguns objetos, homens congelam em posição de adoração. Sacerdotisas fazem o rito da Lua, em círculo entoam um mantra a partir do fonema “ma”, que repetido em certa tonalidade, transforma-se em um vocalize.

A “Lua” nasce, coreografia, sobe lentamente.

Música livre, aleatória

A “Lua” executa um solo de dança contemporânea.

Música - Tema da Lua

Sacerdotisas dançam, trocam véus, ao trocá-los, suas personas se misturam.

Ao final do solo da “Lua”, a música transforma-se num blues.

Música - Blues

A “Lua” continua sua gestualidade em câmara lenta, com movimentos criados a partir das fases da lua. Entram as sacerdotisas aprendizes, colocam as roupas ao lado dos alguidás, correspondente a cada uma das sacerdotisas, onde serão trocadas, em cena, substituindo às primeiras roupas, para atravessar o tempo. Saem

Sacerdotisas vão ao público, interagem, distribuem objetos, elementos naturais como flores, cereais, frutas, vinho, tocam o público com gestos que remetem à sua persona, isto é, a sedutora, a virgem, a mãe...

Enquanto elas estão com o público os homens giram correndo pela mandala, utilizando muita velocidade – trocando de lugar entre eles.

Sacerdotisas voltam para o centro do espaço e refazem a mandala junto aos alguidás com água. Simultaneamente a Lua, em câmara lenta eleva os braços e fecha as mãos.

Sacerdotisas soltam os véus

Rap dos lacaios Texto: *A sensação, a sensação, a sensação da Deusa*

Crescendo e tomando seu corpo

Para o crescimento dos grãos...

Inicia-se a troca de roupas, deixa-se para trás os longos vestidos, que aos poucos são substituídos por roupas contemporâneas, a substituição do guarda roupa é feita ao som de música instrumental com as atrizes/performers dançando. Música - Tema da Passagem do Tempo.

A marcação é maleável. A música só cessa depois que todas as performers trocam de roupa.

Homens estarão no centro do espaço, com as costas voltadas para o centro da mandala, girando e falando para as mulheres que estão na periferia da mandala.

Texto do homem1: *“Era a sede e a fome, e tu foste a fruta. Era a dor e as ruínas, e tu foste o milagre. Ah! mulher, não sei como me pudeste conter na terra da tua alma, e na cruz dos teus braços”.* (Pablo Neruda)

Texto do homem 2: *“Corpo de mulher minha, persistirei na tua graça. Minha sede, minha ânsia sem limite, meu caminho indeciso. Escuros canais onde a sede eterna continua”.* (Pablo Neruda)

Durante o texto dos homens, as sacerdotisas evoluem em suas performances individuais, também contracenam com os homens.

Texto do homem 3: *“Ah!, Este poder eterno da mulher. O único diante do qual
Alguma vez eu me inclinei”*.

Entram os solos das sacerdotisas, neste momento cada atriz/performer terá o seu destaque de figura central no espetáculo, enquanto as outras se relacionam com os homens.

O primeiro solo de atuação é da sacerdotisa que representa o verde, e assim por diante. Elas dirigem-se ao público:

Solo da sacerdotisa de verde - texto: - *“Trago o cheiro, o gosto, o gozo das feiticeiras,
seus metais, pedras, areia, terra...Lua...vivem
muitas mulheres em mim...”*.

Solo da sacerdotisa de azul – texto: - *“A gravidez é um negócio maravilhoso. Dá uma
sensação de absoluto; a gente fica completa. Acho
que o negócio máximo de ser fêmea é está
prenhe...”*.

Homens dirigem-se às sacerdotisas:

Texto do homem 1: - *“Não é só luz que cai sobre o mundo
A que alonga em tem corpo sua neve sufocada
Mas também se desprende de ti a claridade
Como se fosses acesa por dentro
Debaixo da tua pele vive a lua”*.

Continuam os solos das mulheres em paralelo a relações de igualdade com os homens.

Texto homem 2: - *“Vem , oh senhora, vem que ócios não me permito;
Fico agitado toda vez que não me agito,
Abre o espartilho, que eu invejo em tudo
Concede uma licença à minha mão errante,
Para ir ao meio, em cima, em baixo, atrás, adiante.
Oh, minha América! Oh, meu novo continente...”*.

Texto homem 3: - *“Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
Trago-te estas mãos vazias
Que vão tomando a forma de teus seios”*.

Solo da sacerdotisa de branco – texto: *Sou dessa serenidade mordaz e sutilíssima e
frágil / A beleza de mãos nuas*

Livre selvagem...

Meu rosto brinquedo da lua

Um rubor queima-me o rosto...

Solo da sacerdotisa de vermelho – Texto: “*Os afetos fortes, como o desejo, aumentam nossa capacidade de existir*”. (Marilena Chauí)

“ Os homens se assustam com a dimensão do prazer da mulher.. ”. (Rachel Gutiérrez)

Homens dirigem-se às sacerdotisas:

Texto homem 1- “*Corpo de mulher, brancas colinas, coxas brancas,*

Meu corpo de lavrador selvagem te escava,

E faz saltar o filho do fundo da terra”.

Texto homem 2 – “*Liberto-me ficando teu escravo*” (John Donne)

Para sobreviver te forjei como uma arma

Corpo de pele de musgo, de leite ávido e firme

Ah os copos do peito!

Ah a rosa do púbis!”.

Texto homem 3 - ‘*E se no começo foi a mulher*

A fecundidade do todo

E um deus homem mudou de figura a relação

A morte é a libertação total,

A morte é quando a gente pode, afinal, estar deitado de sapatos...

E sonhar ser mulher’.

Solo da sacerdotisa de amarelo – texto: “*Eu não tenho vergonha de dizer palavras*

De sentir secreções vaginais ou anais

As mentiras usuais que nos fodem sutilmente

Estas sim são imorais estas sim são indecentes”

Solo da sacerdotisa de preto – texto: “*Eu ando, de passo leve para não acordar o dia.*

Sou, da noite, a companheira mais fiel que’ela queria

Amo a guerra, adoro o fogo.

Elemento natural do jogo

Senhores, jamais me revelarei”.

“E quão longa é a noite

A noite eterna do tempo se comparada ao curto sonho da vida. Eu sou a noite do tempo”

“Jamais me revelarei”.

Continua a interação de homens e mulheres.

Também continuam performances individuais.

Texto os homens em coro – *Deusas, corta-me a cabeça*

E oferta o corpo a teus domínios!

A sacerdotisa de preto, distante dos laçaios, faz gestos com sua adaga para eles, a cada gesto dela os homens deixam tombar a cabeça para o lado, cortando-lhes as cabeças.

Música - Tema final

As sacerdotisas, com seus véus, conduzem os corpos dos homens para o centro da mandala. Forma-se uma grande mandala com a Lua ao centro, inicia-se uma coreografia circular. Os homens formam um círculo no centro, girando no sentido anti-horário e por fora as sacerdotisas girando em sentido horário. Evoluem em câmara lenta, no centro, a Lua surge lentamente. Congelam. Música vai caindo em pianinho, em pianíssimo, até...

Este roteiro não é único, o espetáculo sofreu mutações a cada apresentação.